



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

JURACY MAGALHÃES E AS MEMÓRIAS SOBRE O GOLPE CIVIL- MILITAR DE 1964

Carlos Nássaro Araújo da Paixão
Instituto Federal Baiano (IFBaiano), Brasil
Endereço eletrônico: carlos.hyst@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nesta proposta de comunicação, o foco se voltará para as construções memorialísticas produzidas por Juracy Magalhães acerca do golpe assestado por militares e civis contra o presidente legitimado pela Constituição, João Goulart, em 31 de março de 1964 e que deu início a uma ditadura que durou 21 anos. Na condição de um dos conspiradores que prepararam a derrubada de Jango e que assumiu cargos importantes no regime ditatorial¹, o então ex-governador da Bahia pôde, em diversas ocasiões, publicizar sua própria versão e justificativa sobre os fatos ocorridos.

Enzo Traverso (2012) afirma que cada presente configura uma maneira específica de se compreender fatos do passado e gera, do mesmo modo, os usos políticos destas construções memorialísticas. A memória, portanto, é compreendida como um campo de batalha no qual os mais diversos grupos sociais buscam estabelecer as suas versões dos acontecimentos. Estas disputas são desiguais, uma vez que determinados grupos estão legitimados pelas ações do Estado e buscam garantir a hegemonia de certas concepções do passado. Portanto, abordar as memórias e versões sobre o Golpe de 1964 está na ordem do dia. No presente ano de 2019, este fato completou 55 anos e, mais uma vez, há em aberto disputas acerca do seu significado na memória histórica nacional e nas diversas correntes da nossa historiografia. A conjuntura nacional e internacional de ascensão da extrema-direita populista, com traços proto-fascistas, e que conta com um representante na presidência da República, amplificou vozes, inclusive a do próprio presidente, que buscaram justificar a quebra da normalidade institucional e subverter o sentido de 1964, referendando a versão dos golpistas. Diante do exposto, é importante compreender o processo de construção das memórias sobre o golpe, neste caso, produzidas por um

¹ Logo após o golpe, Juracy Magalhães assumiu a Embaixada Brasileira nos EUA, em 1965 assumiu a pasta da Justiça, sendo responsável pelo AI-2, em 1966 foi nomeado ministro das Relações Exteriores.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

personagem que participou diretamente dos acontecimentos e questionar como esta operação foi fundamental para se criar um esquema interpretativo positivo para a ação dos militares.

Traverso defende, ainda, que as memórias são conjugadas no presente e as contingências determinam as suas modalidades, tais como “as sucessões de acontecimentos de que se devem guardar recordações (e de testemunhas a escutar), a sua interpretação, as suas ‘lições’, etc.” (TRAVERSO, 2012, p. 18), ressaltando, além disso, a importância da dimensão política. Os processos de rememoração passam pelo filtro das experiências, dos conhecimentos adquiridos e das reflexões posteriores aos acontecimentos (TRAVERSO, 2012, p. 23). O relato memorialístico de um fato é a construção de uma imagem do passado que foi filtrada pelas implicações da sensibilidade, da cultura e das representações identitárias e ideológicas do presente. E, concordando com Benjamin, defende que “o ‘acontecido’ é em larga medida configurado pelo presente, visto ser a memória a ‘estabelecer’ os fatos” (TRAVERSO, 2012, p. 24).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Manuel Loff fala sobre os “usos políticos da memória coletiva em todas as suas expressões sociais, (...), com motivações políticas e ideológicas, da história da violência e opressão exercida pelo Estado” (LOFF, 2015, p.09), destacando o fato de que a memória tem se tornado cada vez mais compreendida como um “intenso campo de batalha”.

METODOLOGIA

Para a consecução da pesquisa, foram delimitados os livros de memória de Juracy Magalhães arrolados acima tendo em vista que descrevem e explicam os governos e os sistemas dos quais participou. Em seguida, procedeu-se ao levantamento de outras fontes, tais como, jornais, revistas e biografia não publicada encontrada no CPDOC/FGV, no sentido de estabelecer um confronto entre aquilo que foi produzido pelas memórias e o que foi planteado no calor do momento. O cotejamento das memórias com fontes de outra qualidade teve como objetivo o entendimento das diferentes temporalidades, neste caso, da diacronia pretendida. As fontes produzidas em tempos distintos, inseridos em conjunturas diversas e fruto de relações de poder outras, permitem compreender as transformações, avanços e recuos das concepções sobre a democracia, posto que esta não

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

é essencial e unívoca, mas que se transforma no devir histórico. Neste caso, a análise das relações sociais e a conjuntura vivenciada pelo personagem foi fundamental para a problematização do estudo.

O arcabouço teórico-metodológico consistiu em reflexões acerca da memória e as disputas sobre os sentidos do passado, destacam-se aqui os trabalhos do italiano Enzo Traverso (2012; 2012), que aborda as memórias e o passado enquanto campos de batalha e sua utilização para fins políticos. Deste mesmo autor destacam-se, igualmente, suas abordagens em relação ao conceito de revisionismo histórico e suas implicações políticas para um “uso público da história”, esta última noção tomada de empréstimo de Habermas. Neste plano, coloca-se também a abordagem de Manuel Loff (2014) que estabelece uma relação entre memória, história e o seu uso político.

Estabelecendo um debate no seio da historiografia brasileira, historiadores como Carlos Zacarias de Sena Júnior, Demian Bezerra de Melo e Gilberto Grassi Calil, problematizaram certa produção acadêmica sobre o Golpe de 1964 que defendeu perspectivas como a responsabilidade e a radicalização compartilhada entre a direita e a esquerda, a possibilidade do autogolpe que poderia ter sido perpetrado por João Goulart, a radicalidade dos grupos ligados ao presidente que teriam provocado a ação dos militares de maneira preventiva. Sena Júnior, Melo e Calil (2017), buscaram, a partir do conceito de revisionismo, compreender como estas versões aceitaram, sem a devida crítica, as justificativas dos próprios agentes do golpe acerca das motivações para o rompimento com a ordem institucional.

RESULTADOS/CONCLUSÃO

Juracy Magalhães apresentou uma série de justificativas que explicariam a sua posterior adesão ao bloco golpista que derrubaria o presidente João Goulart no exercício legítimo do seu mandato. Assim ele narrou o seu processo de adesão ao movimento conspiratório e ao golpe:

Uma vez no poder, Jango praticou verdadeiros desatinos políticos. Gostaria que ele, mesmo realizando um péssimo governo, chegasse ao final do seu mandato. (...). Não pude, entretanto, manter esta postura até o final. *Os acontecimentos de 13 de março, o comício dos metalúrgicos, o comício dos sargentos, tudo isso fazia parte de uma agitação nacional*



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

destinada a preparar o golpe de estado que seria desfechado por Jango. Não tenho dúvida de que, se esperássemos um pouco mais, ele dissolveria o congresso e implantaria a “república sindicalista” com que sempre sonhou. O 13 de março marca minha adesão às hostes revolucionárias. Nesse dia, quando assisti pela televisão Osvaldo Pacheco, no comício da central, dando instruções ao presidente, não pude continuar do lado de fora. Era demais. Um militante comunista dando ordens ao presidente da República, o Partido Comunista no poder. Isto eu não podia engolir (MAGALHÃES, 1982, p. 163). (Grifo nosso).

Juracy Magalhães, neste excerto em que ele apontou as razões que o levaram a conspirar contra João Goulart, apenas lançou mão de uma série de esquematismos que os militares construíram para justificar as suas atividades conspiratórias e o golpe. Ele repetiu a maneira pela qual a memória dominante sobre este fato foi construída e disseminada na arena pública. O radicalismo de Jango, a agitação dos movimentos sociais organizados, a proximidade com o PCB, então na ilegalidades, tudo isso seriam indícios, de acordo com Juracy Magalhães, de que o presidente estava preparando um autogolpe que transformaria o Brasil em uma “República Sindicalista”. Neste sentido, as imagens do passado em suas memórias evocadas e publicadas se articulam e são engendradas pelos pensamentos dominantes, ou, parafraseando Marx, as ideias das classes dominantes constituem-se enquanto memórias dominantes (MONTESPERELLI, 2004, p 44).

A defesa da democracia também foi outra justificativa dada para a sua adesão aos conspiradores e golpistas: “eu senti a Ditadura do Getúlio, depois 30, mas era uma Ditadura para instalar uma democracia. Em 64 era a mesma coisa” (REVISTA DA BAHIA, SET/1988, p. 15). Neste caso, a retórica do golpe cirúrgico assestado apenas para sanear a política nacional contra o que ele considerava ser desordem e radicalismo por parte de Jango e os seus aliados na esquerda. Ao ser indagado sobre os atos de tortura cometidos pelos agentes do Estado, relativizou apenas como um descaminho tomado pelo regime, em 1967, após a saída de Castello Branco e o seu grupo do poder, que deixou o poder por plena convicção democrática ao se recusar a continuar no cargo para consolidar a “revolução” (REVISTA DA BAHIA, SET/1988, p. 17-18). E o descaminho teria se completado a partir do momento em que não foi dada a posse ao vice-presidente Pedro Aleixo após o impedimento de Costa e Silva. Ademais, este fato, para ele, não passou de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

meros “aborrecimentos” e que “apesar de tudo, ela [a ditadura] mudou para melhor a fisionomia do Brasil” (REVISTA LEGENDA, AGO/1978, p. 18).

Desse modo, pode-se concluir que Juracy Magalhães, ainda na vigência do regime ditatorial construiu, em diversas ocasiões, uma memória do golpe, e da ditadura que se seguiu, que fosse favorável àqueles que a assestaram e que serviu de esteio para uma historiografia, pretensamente livre de amarras ideológicas, repetirem o mesmo discurso acriticamente, com o verniz e a chancela da academia.

PALAVRAS-CHAVE: Juracy Magalhães; Memórias; Ditadura; Revisionismo.

REFERÊNCIAS

GUEIROS, J. A. *O Último Tenente*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LOFF, Manuel. *Estado, Democracia e Memória: políticas públicas da memória da ditadura portuguesa (1974-2014)*. In: LOFF, Manuel; PIEDADE, Filipe; SOUTELO, Luciana Castro. *Ditaduras e Revolução: democracia e políticas de memória*. Coimbra: Edições Almedina, 2014.

MAGALHÃES, Juraci. *Minha Vida Pública na Bahia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1957.

_____. *Minhas Memórias Provisórias: depoimento prestado ao CPDOC*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1982.

MONTESPERELLI, Paolo. *Sociología de la Memoria*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2004.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias et all (orgs.). *Contribuição à Crítica da Historiografia Revisionista*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

TRAVERSO, Enzo. *O Passado, Modos de Usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

_____. *La Historia como Campo de Batalla: interpretar las violencias del siglo XX*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

_____. *Revisão e Revisionismo*. In: SENNA JÚNIOR, Carlos Zacarias et all (orgs.). *Contribuição à Crítica da Historiografia Revisionista*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

FONTES

REVISTA LEGENDA. Agosto de 1978. Acervo do CPDOC/FGV. Coleção Juracy Magalhães.

REVISTA DA BAHIA. Encarte Especial. Setembro de 1988. Acervo do CPDOC/FGV. Coleção Juracy Magalhães.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO